

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA**

MARINA PAIANO SPINDOLA

**AS REPRESENTAÇÕES DOS ÍNDIOS *XOKLENG* NAS OBRAS DOS PADRES
HISTORIADORES DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA**

**CRICIÚMA
2018**

MARINA PAIANO SPINDOLA

**AS REPRESENTAÇÕES DOS ÍNDIOS XOKLENG NAS OBRAS DOS PADRES
HISTORIADORES DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura, no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Dr. Carlos Renato Carola

CRICIÚMA

2018

MARINA PAIANO SPINDOLA

**AS REPRESENTAÇÕES DOS ÍNDIOS XOKLENG NAS OBRAS DOS PADRES
HISTORIADORES DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Renato Carola – Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. Juliano Bitencourt Campos - Doutor - (UNESC)

Profa. Michele Gonçalves Cardoso - Doutora - (UNESC)

**Dedico este trabalho a toda minha família,
com muito carinho.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de entrar em uma Universidade, pela bolsa de estudo, e pela força e disposição ao longo dessa pesquisa. Obrigada meu Deus, sem você eu não teria conseguido. Agradeço também a minha mãe Vera Lucia que hoje não está mais presente, mais serei eternamente grata pelos seus ensinamentos que nunca me fizeram desistir. Obrigada mãe! Não posso deixar de agradecer a minha madrastra Cida que mesmo distante, sei que intercedia por mim para que Deus desse-me força e guiasse-me durante esses anos da graduação. E agora, um agradecimento mais que especial ao meu pai, Luiz Carlos, que mesmo diante de todas as dificuldades esteve comigo, me ajudando, me apoiando, dizendo: filha, logo isso vai acabar, você consegue. Não tenho palavras para te agradecer, este trabalho, também dedico a você meu pai, Obrigada!

Não posso deixar de citar aqui a minha irmã Mariane, que me apoiou sem medir esforços nesses quatro anos. Obrigada minha irmã! A minha sobrinha Vitória peço desculpas pela ausência nos finais de semana, pelo mal contato que tivemos. Esse tempo foi necessário, mais prometo a você que retribuirei todo tempo perdido.

A minha amiga Ana Paula, que conheci durante a graduação, agradeço eternamente pelas conversas nas madrugadas, pelos aconselhamentos, pelas ajudas nos trabalhos em sala de aula, você é uma amiga e tanto. Serei eternamente grata a você. Muito obrigada! Agradeço também o professor e coordenador do Curso de História, Tiago, que me apoiou para que eu conseguisse uma bolsa de pesquisa no período em que mais pensei em desistir do curso. Obrigada Tiago! E ao meu orientador professor Carola, agradeço a você por me orientar e estar comigo durante todo esse tempo ao longo da pesquisa. Muito obrigada!

E por último não menos importante, o meu esposo Júlio. Ah meu amor, o que seria de mim se não tivesse você ao meu lado nesses quatro anos?! Não tenho palavras para lhe agradecer por todo o apoio, pelas noites em claro comigo, pela espera para que jantássemos juntos... Ah, tem tantas coisas.... Você fez parte dessa conquista. Obrigada!

“Branços. Negros. Indígenas. Orientais. Mulatos. Somos todos iguais. Apesar disso, existem ainda milhares de pessoas que procuram sempre por diferenças entre nós. Talvez porque insistam em ver a todos somente com seus olhos, quando na verdade, deveriam procurar enxergar um pouco mais com o seu...”

Jakson Trindade.

RESUMO

Este estudo procura dar visibilidade aos povos indígenas que por muito tempo ficaram esquecidos pela historiografia tradicional. O objetivo do estudo é apresentar como foram representados esses povos nas obras de padres historiadores que relataram suas experiências durante o período da colonização. A metodologia utilizada foi análise bibliográfica, utilizando obras de padres historiadores, buscando entender o contexto histórico dos povos indígenas. Os referenciais utilizados foram: conceito de índio, conceito de abya yala e de representação. Dessa forma, o presente trabalho traz para o centro das discussões o assunto indígena, impactando alguns indivíduos a essa herança cultural no qual é tão importante hoje.

Palavras-chave: Índio; Xokleng; Representação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa da Região Sul do Brasil.....	16
Figura 2. Índio Xokleng com arco e flechas, nos primeiros momentos do contato....	19
Figura 3. Bugreiros e suas vítimas	20
Figura 4. Índios submetendo às normas de vestuário próprios dos brancos.....	21
Figura 5. Mulheres Xokleng em atividades domésticas	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SPI	Serviço de Proteção ao Índio

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DOS INDIOS XOKLENG EM SANTA CATARINA.....	12
2.1 COORDENADAS TEÓRICAS	12
2.2 QUEM ERAM E ONDE VIVIAM OS INDÍGENAS XOKLENG?	15
2.3 OS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA DE SANTA CATARINA:	22
3 REPRESENTAÇÕES DOS INDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA DOS PADRES HISTORIADORES.....	27
3.1 O ÍNDIO NA OBRA DO PADRE LUIZI MARZANO (1899/1904):	28
3.2 AS REPRESENTAÇÕES DOS XOKLENG NAS OBRAS DOS PADRES HISTORIADORES:.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa propõe dar visibilidade aos povos indígenas que por muito tempo ficaram esquecidos pela historiografia tradicional. Tem como objetivo apresentar como foram representados esses povos nas obras de padres historiadores que relataram suas experiências e trazem esses povos como sujeitos presente na nossa história.

A presença dos indígenas nesses livros é bastante estereotipada, o que produz preconceitos e invisibilidades na atualidade. Dessa forma, o termo “indígena” será utilizado nessa pesquisa, pois, explicita uma definição de povo, mas também, uma reprodução de cultura e identidade.

A escolha por essa temática deu-se em função das aulas de História e Culturas Indígenas, e pelo comprometimento que o Curso de História nos proporciona realizando a Semana Indígena em dois em dois anos no período da graduação. Saída de campo, visita a aldeia e leituras, concretizou a escolha do tema para essa pesquisa.

O objetivo geral desse estudo é analisar as representações dos índios Xokleng nas obras dos padres historiadores na região sul de Santa Catarina. Como objetivos específicos, destacam-se: a) caracterizar o modo de vida do povo Xokleng, identificando suas particularidades; b) analisar os problemas vivenciados por essas populações; c) compreender os discursos que as obras apresentam e descrever as representações dos Xokleng na historiografia dos padres memorialistas.

A metodologia utilizada foi de análise bibliográfica, buscando entender o contexto histórico dos povos indígenas, sua importância, e principalmente perceber as representações dos padres na historiografia catarinense.

Entre as obras selecionadas dos registros dos memorialistas, destacam-se: “Colonos e Missionários Italianos nas florestas do Brasil” (1985) do Padre Luigi Marzano; “História de Urussanga” (1990) do Padre Agenor Neves Marques; “Histórias do grande Araranguá” (1997) do Padre João Leonir Dall’Alba; e “Os Imigrantes no confronto com os índios” (2005) do Monsenhor Quinto Baldessar.

Sobre os referenciais teóricos destacam-se: Kaká Werá Jecupé, Daniel Munduruku, utilizando-se para o conceito de Índio, Carlos Walter Porto Gonçalves, utilizando o conceito Abya Yala; e para melhor concepção de representação, utiliza-se a ideia da historiadora Sandra Pesavento.

A pesquisa foi dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo: História e Historiografia dos Índios Xokleng em Santa Catarina, que aborda a vida dos Xokleng, quem eram, onde viviam, e os Xokleng na historiografia catarinense com base em pesquisa realizada dentro da linha científica acadêmica.

No segundo capítulo intitulado: Representações dos Índios Xokleng na historiografia dos padres historiadores; analisa-se as representações das obras dos Padres, visando perceber como os indígenas Xokleng são abordados nessas obras.

Dessa forma, entende-se que a história dos Xokleng pode ser contada muitas vezes. Muitas das vezes, pode ser contada em várias perspectivas. Portanto, levo por essa pesquisa historiográfica o valor desses povos indígenas fazendo com que esses sujeitos fiquem presentes para sempre em nossas histórias.

2. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DOS INDIOS XOKLENG EM SANTA CATARINA

2.1 COORDENADAS TEÓRICAS

O termo índio foi atribuído aos habitantes da América pelos próprios colonizadores europeus. Essa denominação surgiu a partir de um erro histórico cometido por Cristóvão Colombo, que acreditava ter chegado na Índia em 1492.

Segundo Kaká Jecupé¹ (1998, pág. 13), o Índio não chamava nem chama a si mesmo de índio. O nome “índio” veio trazido pelos ventos dos mares do século XVI, mas o espírito “índio” habitava o Brasil antes mesmo de o tempo existir. Os povos indígenas habitavam os territórios de todas as atuais Américas e durante séculos semearam muitos nomes e difundiram a tradição do Sol, da Lua e do Sonho.

O autor nos relata em seu estudo que podemos olhar o indígena com uma nova visão, reconhecendo seus valores culturais e sua sabedoria, nos ensinando a respeitar mais a natureza e tudo o que ela pode nos oferecer, fazendo com que o respeito pelo outro seja igualitário apesar das diversidades. Segundo Jecupé:

Os olhos e as mentes intelectuais da humanidade começam no século XX a reconhecer os povos nativos como culturas diferentes das civilizações oficiais e vislumbraram contribuições sociais e ambientais.... Mas a maior contribuição que os povos das florestas pode deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si. (JECUPÉ, 1998, p. 61).

Kaká Werá (1998) afirma que a sociedade brasileira precisa rever seus ensinamentos históricos, pois, temos uma história de mil povos. Uma das formas mais nobres e mais eficazes de fazê-lo é reintroduzir na educação os valores e perspectivas universais das tradições indígenas.

“Coisas de Índio”, obra de Daniel Munduruku, índio da nação Munduruku, também representa as muitas culturas das comunidades indígenas no Brasil. Além de desconstruir o estereótipo contra o indígena, também procura buscar outras fontes de informações que possa não representar o indígena como selvagem.

¹ Kaká Werá índio de origem tapuia, autor da obra “A terra dos mil povos”, publicado em 1988, nos relata o ensinamento, sabedoria e experiências, que originalmente lhe foi passada de suas gerações ancestrais. Obra que tem um valor, e meios de pensar e agir a natureza do índio brasileiro.

Daniel Munduruku (2010, p. 7) luta para que o preconceito e o olhar eurocentrista seja superado pelo próprio conhecimento, pois “a falta de compreensão e de aceitação da diferença fez com que os últimos 500 anos de história brasileira se tornassem um verdadeiro tormento para os povos nativos do Brasil”.

Em sua obra, Munduruku (2010) relata que entender a história indígena é algo delicado. Por isso, ele se propôs a produzir uma escrita em que o leitor possa entender a riqueza das diversas manifestações culturais dos diferentes povos indígenas, aprendendo a valorizar e respeitar os costumes e as diferenças entre os povos.

Alguns costumam ridicularizá-lo por ele ser diferente; outros olha com espanto sadio, de curiosidade, querendo aprender. Então começam a estabelecer um contato amigo e compreendem que ser índio é ter uma identidade, um estilo de vida. Quando as pessoas veem pais dançando ou cantando uma música sagrada; quando entram em contato com o mundo espiritual ou material e percebem a simplicidade do ser índio, costumam dizer: só o índio sabe fazer assim, só o índio sabe viver assim... Isso são “coisas de índio”. (MUNDURUKU, 2010, p. 8).

Munduruku traz consigo uma história de vários momentos, uma cultura que para sempre terá um valor histórico.

Nesta pesquisa empregamos o termo “*Abya Yala*” como forma de reconhecimento da história e direito dos povos originários. Na língua do povo *Kuna*, significa terra madura, terra viva ou terra em florescimento. Carlos Walter Porto-Gonçalves, em seu artigo “Entre América e *Abya Yala*”, destaca *Abya Yala* como uma autodesignação dos povos originários:

Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente em oposição a América, expressão que, embora usada pela primeira vez em 1507 pelo cosmólogo Martin Wakdseemüller, só se consagra a partir de finais do século XVIII e inícios do século XIX, adotada pelas elites crioulas para se afirmarem em contraponto aos conquistadores europeus, no bojo do processo de independência. (PORTO-GONÇALVES, 2009, p. 25).

Os povos originários habitam este continente a milhares de anos. Eles atribuíram nomes próprios para a região que habitavam, mesmo assim, *Abya Yala* vem sendo usado cada vez mais por esses povos, objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento (PORTO-GONÇALVES, 2009). O nome América vem sendo substituído por *Abya Yala* para lembrar e reafirmar os direitos

dos povos originários. “Povos Originários” é a expressão que o movimento indígena adotou para reivindicar seus direitos de ancestralidade.

Apesar de a expressão indígena significar, em latim, aquele que é “nascido em casa”, a designação, entre nós, ficou marcada por indicar aqueles que habitavam as Índias Ocidentais, nome que os espanhóis atribuíam não só ao novo continente, como também às Filipinas. A expressão indígena é, nesse sentido, uma das maiores violências simbólicas cometidas contra os povos originários de Abya Yala, na medida em que é uma designação que faz referência às Índias, ou seja, à região buscada pelos negociantes europeus em finais do século XV. (PORTO-GONÇALVES, 2009, p. 26).

De certa forma, esses povos originários adotam um nome a qual possam se diferenciar de outros povos, assim nomeando seus territórios e identificando suas culturas.

Esta pesquisa também se situa no campo da História Cultural. Por isso, faz-se necessário explicitar o conceito de representação. A historiadora Sandra Pesavento, em seu artigo “Cultura e Representações”, explicita o sentido deste conceito que vem sendo empregado nas pesquisas históricas das últimas décadas:

Esses conceitos formam como que um marco e guia para a percepção do historiador, a iluminar seu olhar sobre o passado e a possibilitar que ele construa seu tema enquanto objeto, ou seja, problematizando-o, lançando perguntas ao passado, que ele se empenha para que possam ser respondidas. (PESAVENTO, 2006, p. 53).

Pesavento (2006) pensa a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Já o conceito de representação, é enfatizado como um estudo da cultura. Segundo Pesavento (2009), representações são representações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento. Em outra obra, Pesavento (2009, p. 49), afirma que “a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão”:

Decorre daí, portanto, a assertiva de Pierre Bourdieu, ao definir o real como um campo de forças para definir o que é o real. As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variado, pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor à sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais. (PESAVENTO, 2005, p. 41-42).

Num fato histórico, a análise historiográfica se depara com diversas visões sobre um determinado tema, contudo o historiador estabelece uma organização dos dados apontados, elaborando um esclarecimento dos fatores histórico.

Com isso, a História não poderia ser jamais total, pois nenhum historiador poderia dar conta de tudo, e nem o tempo era uma categoria essencial, sendo apenas um meio ou um lugar onde a intriga se desenrola. Aliás, os próprios acontecimentos não tinham existência em si, mas eram uma encruzilhada de itinerários possíveis. Ou seja, Poul Veyne não só reduzia a história a uma narrativa sem capacidade explicativa de verdades ou totalidades como também aproxima de ser uma disciplina mais propriamente literária. (PESAVENTO, 2005, p. 34).

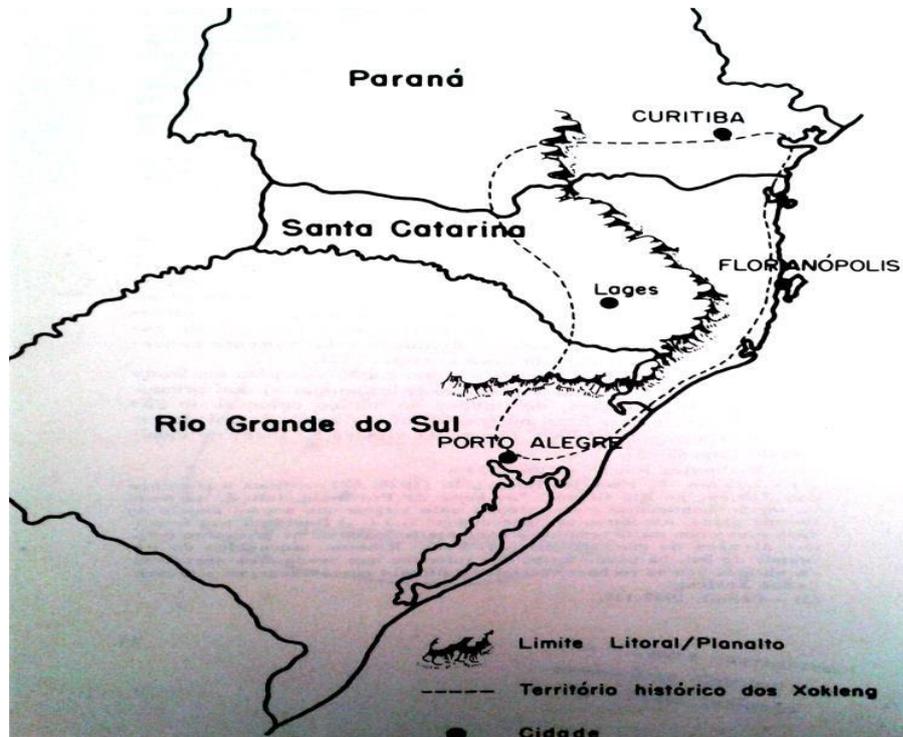
A questão central que se coloca para o historiador/a, portanto, é a necessidade de interpretação das fontes. O mundo humano produz cultura e a cultura cria conceitos e preconceitos que constituem os sentidos de realidade e os regimes de verdade. Por isso, filósofos, antropólogos e sociólogos vem se preocupando em decifrar as representações para chegar o mais próximo possível da verdade/realidade do acontecido.

2.2 QUEM ERAM E ONDE VIVIAM OS INDÍGENAS XOKLENG?

Um das denominações usadas para caracterizar esses povos é o termo *Xokleng*, que significa taipa de pedra. Outro termo é *Botocudo*, termo que provém do fato de usarem um enfeite labial conhecido como “tembetá” na parte inferior dos lábios. Segundo Silvio Coelho dos Santos (1973), os indígenas não usavam esta denominação, esse termo foi criado pelos colonizadores e não pelos indígenas. Atualmente, as lideranças *Xokleng* usam a autodenominação *Laklanõ*, termo que significa o “povo que caminha em direção ao sol” (MARKUS; HUBNER; PRUIKSMA, 2016).

Os ancestrais dos povos *Xokleng* viviam nas florestas, que se localizavam desde o Sul do Brasil até Paranaguá (PR), dedicando-se a caça e a agricultura. No mapa a seguir, pode se observar os locais onde os *Xokleng* fizeram suas passagens:

Figura 1. Mapa da Região Sul do Brasil



Fonte: (SANTOS, 1973, p. 36).

Os Xokleng ocupavam e circulavam pelos atuais territórios dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande Do Sul. Em Santa Catarina, os antropólogos identificaram três grupos; um no vale do Itajaí, outro nas cabeceiras do Rio Negro e um terceiro na região sul catarinense.

Os Xokleng dividiam-se em grupos formados com integrantes em torno de 50 a 300 indivíduos, o que facilitava seu modo nômade de vida e se localizavam em vários lugares. No século XIX, havia pelo menos três grupos Xokleng, sendo que o primeiro grupo se localizava no alto vale do Itajaí, o segundo grupo ocupava as cabeceiras do Rio Negro, na atual fronteira de Santa Catarina com o Paraná, o terceiro dominava o Sul, com base nos vales do Capivari e Tubarão (SANTOS, 1973, p. 32).

Esses grupos faziam da caça, da coleta e da agricultura sua rotina de vida. Dormiam nas matas e também sobre as árvores. Viviam de modo integrado com o mundo natural, com o mundo das florestas, dos pássaros, dos animais. A chegada dos imigrantes europeus na segunda metade do século XIX provocou uma nova etapa de conflitos. O Historiador Mauricio Selau descreve a ocupação do território indígena *Xokleng*:

Na primavera procuravam estar onde era possível conseguir caça e os frutos típicos da estação. Os Xokleng ocupavam habitações feitas para pouco tempo de acampamento, viviam nas florestas, de onde retiravam o que precisavam para o sustento. (SELAU, 2010, p. 29)

Sua rotina incluía estar próximo ao Planalto, onde a caça para seus alimentos estava sempre presente. Segundo Rodrigo Lavina (1999, g. 79), para que fosse garantida alimentação a esses povos, era necessário que esse grupo tivesse uma passagem intensa entre as grandes regiões serranas. Além da caça e da coleta faziam suas próprias armas e ferramentas. Produziam seus arcos e flechas, assim como diversos outros artefatos necessários para o bem viver no habitat das florestas.

Segundo Santos (2003, p.435), as mulheres também eram habilidosas nos trabalhos artesanais, fabricavam cestos para guardar alimentos e utensílios, panelas de barro para fazer seus alimentos; e também eram habilidosas com técnicas para suportar o frio, fazendo também mantas para servir de agasalhos. É fato analisar que o mundo dos Xokleng não era um paraíso como muitos devem imaginar, era um mundo de forte dependência com a natureza.

Os *Xokleng* se diferenciavam de outros povos indígenas pela língua, cultura e território. Concebiam a chuva, o vento e o sol como divindades da natureza. Usavam o fogo para cozinhar alimentos e produzir calor para os dias frios e noturnos. Apesar de o grupo representar sempre o coletivo, os sucessos alcançados também eram pelo esforço individual, e baseados nos saberes que diversas gerações haviam desenvolvido para aproveitar aquele espaço ecológico que elegeram como o seu habitat. (SANTOS, 2003).

Além das constantes ameaças físicas, os *Xokleng/Laklaño* sofrem a violência dos preconceitos e dos estereótipos. Vale ressaltar que, ao longo da história do Brasil, os indígenas foram vistos, não apenas como selvagem, mas eram considerados um ser mal por possuir um modo de vida diferenciado dos brancos.

Diante a história dos povos indígenas, percebemos que os povos *Xokleng/Laklaño* vivenciaram milhares de coisas, foram julgados e excluídos por muitos na Sociedade, principalmente pelos colonos imigrantes. O primeiro contato entre os colonos e indígenas se deu por desconfiança. Durante uma expedição de caça, alguns índios observaram uma trilha diferente. Segundo Darcy Ribeiro, em seu livro "Os Índios e a Civilização":

[...] o mato estava cortado de forma nova e estranha, frente à prática indígena de simplesmente afastar ou torcer os ramos que dificultam a caminhada na floresta. Curiosos, adiante se depararam com o tronco de uma árvore cortada pelo mesmo processo. Seguiram pela picada acautelados, em direção a uma praia. Ali, observaram rastros estranhos. Algumas pegadas se dirigiam para o mar adentro, enquanto outras acompanhavam a linha da praia. Continuando a investigação, cada vez mais curiosos e sempre protegidos pela vegetação da orla costeira, descobriram ao anoitecer um acampamento. Discutiram sobre quem seriam os estranhos que de longe observavam. Depois de muitas interrogações, decidiram atacá-los para se apropriarem dos instrumentos cortantes, que permitiam enorme facilidade no corte de arbustos e árvores. (RIBEIRO, 1977, p. 318 - 320).

A relação de colono europeu e índios gerou um choque entre culturas, uma história de violência e crueldade. Com o passar dos tempos, os colonos se posicionavam cortando árvores, erguendo casas, com objetivo de firmar suas próprias colônias. Quanto mais a mata era derrubada, mas os indígenas iam se afastando, assim, perdendo sua moradia.

Ao perceber que, a cada estação, porções maiores da floresta eram derrubadas e por consequência, partes cada vez maiores do território historicamente pertencente aos Xokleng era ocupado pelos imigrantes, os primeiros passam a reagir a presença destes, procurando retomar as áreas que possuíam antes da chegada dos imigrantes para garantir a preservação [...] (SELAU, 2010, p. 157).

É importante ressaltar que diante dessa situação os indígenas Xokleng começaram a se sentir incomodados e que de fato não só essa situação gerou incomodo para os índios e sim o contato entre eles causando grandes doenças e provocando mortes. Os conflitos entre colonos e índios se agravaram em função da política de imigração e colonização do governo brasileiro. De um lado, os colonos e a derrubada das florestas, com apoio e estímulo governal; de outro lado, os *Xokleng/Laklaño* defendendo seus territórios e as florestas, seu habitat de vida e territórios de caça e pesca.

Segundo Santos (1997), na medida em que o número de colônias ia aumentando, a reação indígena vai sendo noticiada com maior intensidade. Os colonos sempre com o discurso que suas moradias estavam em perigo pela presença indígena e ameaçavam abandonar seus lotes, sendo a única maneira de proteção ao colono era que os índios deixassem a floresta.

Figura 2. Índio Xokleng com arco e flechas, nos primeiros momentos do contato.



Fonte: SANTOS, 1997, p. 33

A convivência entre os indígenas Xokleng com os colonos começou a sem agravar. A presença dos Xokleng nas áreas que estavam sendo cogitadas para os colonos era de total conhecimento do governo. Além de não terem reconhecimento e apoio do governo da época, havia o bugreiro, o “caçador de bugres”, que tinha como objetivo matar todos os indígenas que viviam na floresta. Considerados também batedores do mato, agiam sobre a mata, capturando e matando violentamente os indígenas. Os bugreiros conheciam as matas e trilhas, e preparavam estratégias de caça para matar os adultos e capturar as crianças.

Figura 3. Bugreiros e suas vítimas



Fonte: SANTOS, 1997, pág. 42

Martinho Marcelino de Jesus, conhecido como Martinho Bugreiro, era o principal matador de índios, conhecido como homem bom, perseguia os indígenas por vários dias. Além disso, tinha suas criações de gado e era conhecido por todos no comércio; era reconhecido como homem grande e destemido, tinha autorização do governo para caçar os indígenas. Após a morte dos homens adultos, os bugreiros levavam mulheres e crianças para mostrar a população, por esta atitude eram considerados defensores dos colonos.

Em 1910, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais através do decreto nº 8072, de 20 de junho de 1910, implantado em 7 de setembro desse ano. O SPI tinha por obrigação prestar assistência a todos os índios do território nacional, estabelecer a paz na colônia e dar assistência às práticas de violências que eram feitas pelas ações dos bugreiros.

No dia 5 de dezembro do ano de 1967 o governo criou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A este órgão foram acometidas todas as atribuições de defesa e tutela das populações indígenas no país, visando a sua “integração a comunidade nacional”.

Em 1967, o governo militar resolveu extinguir o Serviço de Proteção aos Índios. Uma série de escândalos recentes, envolvendo entre outros a utilização do patrimônio indígena e o uso do índio como mão-de-obra-escrava, orientou a decisão do poder militar. Pretendia-se, com essa

iniciativa minimizar a repercussão que tais acontecimentos estavam tendo no exterior. (SANTOS, 1997, pág. 59).

Santos (1997) relata que ocorreram algumas mudanças e que de fato essas mudanças abriram portas para que os indígenas *Xokleng* criasse contato com a sociedade regional.

Figura 4. Índios submetendo às normas de vestuário próprios dos brancos



Fonte: SANTOS, 1997, p. 84

Por mais que existisse um contato diferencial com a sociedade, é fato analisarmos que estamos falando de duas culturas extremamente diferentes. De um lado temos povos que viveram nas florestas, e de outro lado, a cultura euro-ocidental, forjada com os elementos constituintes da modernidade/colonialidade. (QUIJANO, 2009).

Sobre a história dos *Xokleng*, Santos comenta que eles são povos históricos, que possuem sua própria cultura, e que foram vítimas da colonização. Em seu artigo "Encontros de estranhos além do mar oceano" os *Xokleng* também tinham uma particularidade que os diferenciavam de outras tribos indígenas:

Tinham língua, cultura e território que os diferenciavam dos outros povos indígenas, tais como os guaranis e os Kaingang. Viviam separados em grupos, que quase sempre mantinham disputas entre si. A família, o sexo, o nascimento de crianças, a vida em grupo, a parceria nas atividades de caça e coleta, a divisão dos alimentos entre todos, as festas, as disputas e a morte faziam parte do cotidiano. Não tinham uma autodenominação específica. Identificavam-se a si próprios como “nós” e a todos os estranhos como os “outros”. (SANTOS, 2003 p. 435).

Figura 5. Mulheres Xokleng em atividades domésticas



Fonte: SANTOS, 1997, p. 102

Sobre a cultura indígena podemos perceber que existe um valor, foi marcada por vários acontecimentos, e de fato lembrar essa cultura nos leva a um passado com grande importância, que tem uma valorização histórica. Conhecer a história indígena do Brasil e, particularmente, de Santa Catarina, é uma forma de não somente reconhecer os direitos de vida e dignidade dos povos originários como também de perceber a continuidade da violência enraizada na cultura da sociedade brasileira.

2.3 OS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA DE SANTA CATARINA:

De acordo com Sandra Pesavento a história pode ser narrada em várias perspectivas, ou seja, de modo algum iremos constituir uma única história verdadeira e concreta.

Mas no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas. (PESAVENTO, 2005, p. 51).

Para o antropólogo e historiador Silvio Coelho dos Santos, os *Xokleng* são sujeitos históricos que possuíam sua própria cultura. Em suas obras, o autor mostra o modo de vida desses sujeitos na qual os diferenciava dos outros povos indígenas, pois tinham sua linguagem própria, como tinha também sua técnica de fabricar seus artefatos de guerra, caça, pesca, seus objetos de cerâmica, entre outras características diárias do seu cotidiano. (SANTOS, 1997).

Sobre a dramática experiência dos *Xokleng*, Santos relata que os índios foram vítimas da colonização, desse “progresso” que os governantes almejavam para o país. Analisando sua obra, pode-se perceber a ideia de índio e colonos serem vítimas, tanto pela Companhia Colonizadora, quanto para o governo da época. No período da Primeira República ocorreram disputas de terras, necessidades alimentares, ocasionando conflitos entre índios e os colonos europeus. (SANTOS, 1973).

Na monografia de conclusão de curso realizada pela acadêmica Suelen Pacheco Mazzucco (2013), a História de Nova Veneza ganha um novo personagem: os Índios *Xokleng*. A pesquisa é feita em análises de documentos escritos sobre diversas linguagens relacionados aos *Xokleng*, visando à contribuição para o reconhecimento cultural, e também relatando sobre a luta espacial na busca de sobrevivência no período da colonização.

Segundo Mazzucco (2013, p. 53):

Interessante seria se despertasse o questionamento de como era antes da imigração nestas regiões, e argumentassem quem eram essas pessoas e como eram suas culturas existentes nessas terras. Esse propósito de reflexão é muito importante para a construção da nossa identidade. Através destas informações, ter-se à oportunidade de se conhecer uma cultura diferente do que é atualmente; do que se foi acostumado a conviver, e também se dispor a mudar concepções e paradigmas.

Em sua pesquisa, Mazzucco (2013) trabalha o estudo historiográfico da cultura indígena que tem como princípio trazer a representação desses povos que ficou por muito tempo excluído das obras didáticas e da historiografia tradicional.

Em sua dissertação de Mestrado, o arqueólogo Rodrigo Lavina identificou alguns dos aspectos da cultura material dos *Xokleng*. Segundo Lavina, os estudos dos *Xokleng* podem ser divididos em alguns grupos temáticos:

A documentação histórica e antropológica sobre os *Xokleng* pode ser dividida em três grandes grupos temáticos, de acordo com a cronologia dos documentos, dos relatos e os objetivos que se propuseram os autores dos mesmos. Ao primeiro grupo chamaremos de Documentos Históricos, estando incluídos nesta classificação os relatos de viajantes estrangeiros (séculos XVIII e XIX), as falas e Relatórios dos Presidentes da Província de Santa Catarina (séculos XIX e XX), obras de história catarinenses, municipais e regionais (séculos XIX e XX), e crônicas históricas municipais (século XX). (LAVINA, 1994, p. 32).

Rodrigo Lavina (1994) usou dois métodos de pesquisa: a etnografia e a historiografia. Lavina usa objetos e artefatos para identificar as características e cultura de um povo, podendo também se identificar a história. Como por exemplo, o artesanato dos *Xokleng* que oferece uma grande quantidade de material etnológico.

Para isso realizamos um levantamento não só da produção arqueológica existente para a região, como também uma pesquisa da etnografia do grupo, baseada em documentos históricos e etnográficos, que foram utilizados a partir de uma perspectiva etnohistórica, com o objetivo de formar um quadro da cultura material *Xokleng*, que pudesse ser comparado com os dados arqueológicos disponíveis. (LAVINA, 1994, p. 2).

Mauricio Selau também estudou a ocupação dos imigrantes no território *Xokleng* em Santa Catarina. Essa obra é fruto de pesquisa de pós-graduação que discute em três capítulos o modelo de colonização, remetendo a história local e regional. Selau analisou o contato entre os *Xokleng* e os imigrantes. O primeiro contato com as terras brasileiras provocou um contraste doloroso entre terra imaginada e terra ocupada por indígenas:

Entretanto, ao chegar ao Brasil, fixando-se nas colônias, sejam públicas ou privadas e se deparar com uma realidade um tanto diferente da imaginada, os imigrantes estavam, em parte, equivocados. No que diz a respeito aos indígenas, em pouco tempo, a ideia do bom selvagem, o homem em seu estado puro, que predominou na Europa até meados do século XIX, vai, aos poucos, ceder espaço para a construção de um inimigo a ser combatido,

pois as colônias, como vimos, foram implementadas no território dos *Xokleng*, que, por sua vez, não aceitaram esta invasão sem esboçar reação. Qualquer grupo humano busca, dentro da sua lógica, defender a manutenção de seu território e, para tanto, lança mão dos recursos que conhece para fazer esta defesa. (SELAU, 2010, p. 143).

Selau (2010) deixa claro que houve um choque entre essas duas culturas. Por um lado, os indígenas *Xokleng* e por outro lado os imigrantes, que segundo Selau (2010), os imigrantes não sabiam da existência desses índios. Sendo que essas áreas não ficaram sob domínio de nenhum dos grupos étnicos e sim sobre a responsabilidade do governo e da Companhia de Colonização. Diante disso, Selau (2010) afirma que os *Xokleng* sofreram inúmeras investidas durante o processo de espoliação de terras, e que, de fato, nesse período houve mortes de indígenas; e a “matança” contou com a ação impiedosa de um profissional: o bugreiro, caçador de “bugre” e protetor do colono e suas propriedades.

Darcy Ribeiro (1996), em sua obra “Os Índios e a civilização”, faz uma retomada histórica sobre os processos de violência, preconceito e invasão dos territórios indígenas. Publicado pela primeira vez no ano de 1970, a obra tem sido referência para historiografia indígena catarinense. Segundo Ribeiro (1996), o contato entre indígenas e colonos foi de grande conflito. Em meados do século passado, largos trechos daquelas matas foram destinados a colonos alemães, italianos e eslavos trazidos ao Brasil por iniciativa governamental ou de empresas particulares. A situação dos *Xokleng* foi se agravando aos poucos. Ribeiro (1996) relata que diante essa situação os indígenas se confrontaram com os contingentes de imigrantes empenhados em acabar com a mata para abrigar os pequenos proprietários, e que de fato houve participação da presença governamental.

No meio desse cerco feroz, o índio era compelido a um comportamento de fera. Esgueirava-se pela mata, procurando confundir-se com ela para não ser percebido; esquivava-se de todo encontro e, quando isto era impossível, sabia que sua única chance era matar primeiro. Não tinha pouso certo, perambulava sempre, evitando deixar qualquer rastro que denunciase o rumo que tomava. (RIBEIRO, 1996, p. 129).

Nem assim se punha seus passos salvos. Eram ameaçados a todo o momento. Se seus rastros eram achados, era acionado um bugreiro especializado para a caça. Darcy Ribeiro caracteriza o *Xokleng* pela “inadequação de seu equipamento ao território que ocupava”. (1996, p. 126).

“Os índios e a civilização”, de Darcy Ribeiro (1996), é uma obra que deve ser lida em seu respectivo contexto histórico. Em seu contexto de produção, havia duas representações predominantes dos povos indígenas. Uma visão tradicional, que os qualificava de povos selvagens, primitivos ou de pouca evolução; e a visão do índio como vítima da violência colonizadora ou vítima de uma injustiça da sociedade civilizada.

3 REPRESENTAÇÕES DOS INDIOS XOKLENG NA HISTORIOGRAFIA DOS PADRES HISTORIADORES

Em muitos textos na historiografia, o termo “representação” situa-se através da expansão da História Cultural, que se popularizou entre os historiadores brasileiros a partir da década de 1980. O conceito de “representação” foi destacado pela historiadora Sandra Pesavento, como já comentado anteriormente. Segundo Pesavento (2005), indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Pode-se dizer que uma das ferramentas teóricas principais da História Cultural é o conceito de representações. Isso significa que o historiador/a busca o entendimento do passado por meio da decodificação através de suas representações, tentando chegar de alguma forma uma expressão que abarca significações.

Mas no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas (PESAVENTO, 2005, p. 51).

A História Cultural, portanto, procura compreender e problematizar os regimes de verdade/realidade de um contexto histórico. Desse modo, o uso da ideia de “representação” leva os historiadores a repensar não só as possibilidades do passado, mas também as relações entre presente e passado. Para Pesavento (2005), cultura e representações constroem juntas uma trajetória.

Esses conceitos formam como que um marco e guia para a percepção do historiador, a iluminar seu olhar sobre o passado e a possibilitar que ele construa seu tema enquanto objeto, ou seja, problematizando-o, lançando perguntas ao passado, que ele se empenha para que possam ser respondidas. (PESAVENTO, 2006, p. 53).

Dessa maneira o conceito de representação é aqui concebido como um estudo da cultura. Com isso, a representação é um conceito que se caracteriza pela sua maneira de se apresentar como várias unidades linguísticas, de ser e ao mesmo tempo não ser representado, (PESAVENTO, 2006, p. 49). De fato, nessa pesquisa

um dos aspectos importantes a ser explicitado neste momento é sobre a representação do índio por serem sujeitos presentes da história, por meio de representações envolvidas através de várias narrativas que são conduzidas ao leitor proporcionando o melhor sentido sobre a realidade narrada.

3.1 O ÍNDIO NA OBRA DO PADRE LUIZI MARZANO (1899/1904):

Padre Luigi Marzano, autor da obra “Colonos e Missionários Italianos nas florestas do Brasil”, foi um missionário imigrante do norte da Itália. Seu livro foi a primeira obra escrita sobre a colonização da região Sul de Santa Catarina. A primeira versão foi escrita em italiano no ano de 1899, mas a obra foi realmente publicada em 1904. Em 1985, a obra foi traduzida e publicada pelo Padre João Leonir Dall’Alba.

Em sua obra, Padre Marzano (1985) relata suas experiências vividas com os imigrantes italianos na Colônia de Urussanga, região sul de Santa Catarina, no final do século XIX. O padre italiano descreve a paisagem natural e cultural do Brasil e, principalmente, da região onde se encontrava os colonos-imigrantes. Apresenta dados sobre o desenvolvimento das colônias, o crescimento da agricultura e as dificuldades dos colonos em se adaptarem no novo território desconhecido.

Ao descrever os *Xokleng*, padre Marzano reproduz a visão eurocentrista de sua época, caracterizando-os como índios “selvagens”. Os imigrantes-colonos são os protagonistas principais da obra, os sujeitos que vieram trazer “progresso” e “civilização” para o Brasil e Santa Catarina; os índios são representados como uma natureza hostil que precisa ser domesticada ou exterminada. Segundo Marzano (1985, p.187), “os selvagens são os terríveis Botocudos, a raça mais feroz que existe”; era um tipo humano que possuíam certa semelhança com a “raça mongólica”:

É propriamente dos botocudos que eu devo falar, porque nos interessa mais. Em todas as incursões e aparições contra nossos compatriotas, sempre foram vistos só os botocudos de raça terrível. Completamente nus, de cor de cobre, estatura média, largos ombros, músculos nervudos, cabelos soltos e negros, olhos pretos, em amêndoa, bastante apertados. Apresentam longínqua semelhança com a raça mongólica. (MARZANO, p. 71-72, 1985).

Marzano afirma que não se conhecia as origens desses povos, mas tinha convicção que era uma raça asiática ou da Mongólia, ou de ambas juntas, (1985).

Marzano (1985) percebe que eles tinham uma forma diferenciada de organização de grupos, a qual quem comandava era um cacique. Suas características eram de chamar atenção, habilidosos em suas produções, produziam armamentos para a caça e para festas, produziam a fermentação de milho ou mandioca. Além de serem habilidosos, eles tinham uma crença religiosa, acreditando numa vida futura.

Em sua obra, Marzano também relata a situação dos indígenas *Xokleng* e colonos. Com o tempo essa relação começou a piorar.

Eram cerca de quatro anos que os colonos viviam tranquilos em plena floresta virgem, sem o mínimo temor dos selvagens. Muitos já negavam-se mesmo a crer em sua existência, quando tiveram que convencer-se da realidade cruel. (MARZANO, p.74, 1985).

Com as plantações indo ao chão, e sumiços de milhos na colheita, os colonos não havia mais dúvidas da presença dos selvagens. Eram identificados como os “terríveis botocudos”. Marzano (1985) relata o episódio do ataque dos *Xokleng* à família Baldessar, reproduzindo a versão dos colonos:

É do dia dez de fevereiro de 1889. Quatro irmãos Baldessar, do Rio Deserto, então tranquilamente derrubando árvores e cantando alegremente. Um deles afastasse algum tanto para observar uma árvore majestosa e medir a grossura. Não tinha percorrido 25 ou 30 metros, quando sem tempo de aperceber-se do perigo, é atingido por uma flecha e cai dando forte grito. Acorrem os irmãos assustados, e com horror veem Giovanni num lago de sangue, com o corpo transpassado de lado a lado por uma flecha. Pegam-no nos braços e levam-no a casa mais próxima. O ferido ainda tem a coragem de extrair do corpo a seta mortal. Mas não havia mais esperança. Sofrendo dores horríveis morria vinte horas depois. Era a primeira vítima italiana. (MARZANO, p.74, 1985).

Dentre os inúmeros motivos que levaram o *Xokleng* a essa atitude, o que cabe ressaltar aqui é suas antigas áreas que foram dominadas e transformadas pelos colonos. A floresta era a principal sobrevivência dos índios e por esse motivo levam os *Xokleng* a reagir dessa maneira. A situação começou a se agravar. Os colonos iam perdendo tranquilidade na colônia, assim perdendo a confiança com os poucos indígenas que ali estavam. Com o tempo os colonos começaram a andar armados, e para sua proteção, acionaram o governo para o afastamento de todos os indígenas. Mas com o tempo quem começou a reagir foram os colonos. Reuniram mais de 260 homens, contando também com a ajuda do governo e com homens preparados para andar nas floretas, juntamente com os soldados. Nesta representação entende-se que eles iriam partir para uma guerra. (MARZANO, 1985).

Chegando o dia estabelecido, todos se ajuntaram de manhã cedo na praça de Urussanga, armados até os dentes, carregados de alforjes e sacolas. Tal era o entusiasmo que vendo-os, ter-se-ia pensando serem autênticos garibaldinos. (MARZANO, 1985, p.79).

Uma situação desesperadora. De um lado os *Xokleng*, povos que sempre habitaram nessas áreas. De outro lado os povos que vieram para um país em busca de prosperidade, buscando nas terras do Sul de Santa Catarina um novo caminho para reconstruir suas vidas.

Analisar as duas situações é algo decorrente. Porém nesse período é fato analisarmos que a situação dos *Xokleng* mal foi vista. Do mesmo modo que os imigrantes matavam por medo, desespero e até por perder alguém de seu grupo, os índios se defendiam dos próprios colonos, que de fato foi uma luta que se deu por terras na qual viveram por mais tempo. Devido todos esses acontecimentos, Marzano (1985) faz uma reflexão, e mostra o seu papel de cristão de pregar a paz e o perdão.

Não tem os selvagens uma alma como nós? Ou matar esses nossos irmãos não é um homicídio culpável? Deixamos tudo na mão da Divina Providência. Chegara a hora em que conquistaremos os selvagens da floresta, almas para civilização e para o paraíso. Hora, portanto, à colônia italiana, que em tantos anos de sofrimentos, de moléstias e de mortes, soube manter uma atitude digna e civilizada. (MARZANO, 1985, p. 80).

Para Marzano, o perdão era necessário, ainda mais sobre essa situação de estarem vivendo uma guerra. Além disso, existiam valores sobre essas culturas, o que era uma tarefa muito difícil. Algumas ações não eram aceitas pela igreja, mas de fato qualquer prática feita era um significado em busca de progresso ou paz, cabendo a “Divina Providência” julgá-los por essas atitudes, (1985, p. 80).

A obra de Marzano é a matriz historiográfica da História contada a partir da perspectiva dos “pioneiros” da imigração-colonização; é uma fonte bibliográfica para muitos pesquisadores quem tem como objetivo escrever a história da colonização do Sul de Santa Catarina.

3.2 AS REPRESENTAÇÕES DOS XOKLENG NAS OBRAS DOS PADRES HISTORIADORES:

Na região sul de Santa Catarina, alguns padres católicos se aventuraram no campo da pesquisa histórica e se tornaram referências historiográficas da história local e regional. Entre os principais, destacamos o trabalho de três padres-historiadores: Padre Agenor Marques, Padre João Leonir Dall’Alba e Padre Quinto Davide Baldessar.

Os padres pesquisaram e publicaram obras sobre a história da imigração e colonização da região Sul Catarinense. Cada obra tem uma característica peculiar, por meio de suas narrativas os padres historiadores tentam relatar a “verdadeira história” que por meio de seus discursos querem ser o enunciador do passado. Nesta pesquisa, procuramos perceber as representações dos *Xokleng* nas obras que dos padres-historiadores e o processo de colonização.

A obra “História de Urussanga”, de padre Agenor Marques foi publicada em 1990. O padre relata memórias a qual os indígenas *Xokleng* foram recebidos pela população, os sofrimentos obtidos pelo governo, e a luta entre índios e brancos pelas disputas de donos de terras. A obra está direcionada a história de Urussanga, mais seu foco é o desenvolvimento da colonização, e os primeiros contatos dos indígenas com os colonos imigrantes. Segundo Marques (1990), cedo ou mais tarde, o confronto entre culturas iria acontecer:

Mais cedo ou mais tarde eles se encontrariam, brancos e bronzeados, para o terrível abraço de sangue. Embora com seus lotes devidamente escriturados, teriam os italianos que disputá-los com os donos da floresta. (MARQUES, 1990, p.232).

Sabemos que os *Xokleng* são grupos que viviam sobre as florestas, e de fato necessitavam de um maior espaço para preservar o seu modo de vida. Através das narrativas das pessoas que vivenciaram o conflito entre essas duas culturas, a diversidade tornou-se um processo que dizimou a maior parte da cultura nativa, sendo que com a chegada da colonização as áreas do *Xokleng* foram totalmente afetadas pela expansão agrícola. Não tendo outra alternativa, tiveram que enfrentar o homem branco. Padre Marques (1990) se fundamenta na obra do antropólogo Silvo Coelho dos Santos e esboça uma defesa dos povos indígenas:

Os entreveros entre índios e brancos, entretanto, haviam sido previstos por algumas pessoas. O próprio Governo da Província, em relatório, no ano de 1849 admitia: (Sou avesso a que se use a violência contra os aborígenes, pois me convenço que este sistema tenderá a perpetuar reciprocamente os ódios...). No ano de 1877, novamente o Governo se manifestava visualizando o problema em sua totalidade. Dizia o Presidente da Província: (Enquanto não se estabelecer na província um sistema de catequese geral, existirá a luta entre o selvagem e o homem civilizado, que tentar aproximar-se d'aqule. E é provável que estes combates individuais se revistam de um caráter mais grave, quando o espaço ocupado pelas hordas selvagens for diminuindo pela conquista dos sertões do interior, conquista que, depois do desenvolvimento das colônias n'esta Província, se vai fazendo de um modo regular e progressivo... (MARQUES, 1990, p.286).

Não há dúvidas que as atitudes dos *Xokleng* também eram para proteger suas propriedades. Segundo Marques (1990, p.287), “com o tempo os ataques não se davam apenas para obter alimentos e instrumentos de ferro. Também os tecidos utilizados pelos brancos começaram a ser valorizados pelos indígenas. No ambiente cultural dos imigrantes-italianos, a imagem do *Xokleng* era desqualificada e apresentada como um ser maldito para a civilização”. Marques (1990) cita uma fala de Silvo Coelho, que explica a caracterização dos *Xokleng* como “índios desalmados”:

“A caracterização do *Xokleng* como ‘selvagens desalmados’, que tudo faziam para matar ao branco, foi comum e necessária para se justificar as ações que sobre eles deflagram os bugreiros e os colonos. Histórias mil sobre agressividade dos indígenas; sobre sua falta de piedade; sobre sua falta de respeito à vida defesa, circulavam nas colônias e fazendas. O índio não era exatamente humano, concluía-se dessas histórias”. (COELHO Apud MARQUES, 1990, p.289).

Além do confronto entre os índios e os colonos, havia ainda o caçador de bugres, um personagem da história da imigração. Na obra de Padre Agenor Marques (1990), o bugreiro aparece representado como um homem ruim, bruto, cruel, responsável por matar mulheres e, principalmente, crianças que viviam na floresta. No contexto da colonização, entretanto, ele era considerado como herói defensor de colonos, por cuidar das terras que até então os colonos diziam que eram “deles”.

Segundo Marques (1990, p.285), se o bugreiro foi um mal, certamente foi um mal necessário. Postas como estavam as coisas, não havia alternativa para ambos os lados: matar ou morrer! Consequentemente o confronto entre os indígenas e colonos continuou assim criando um sistema de divisão, indígenas de um lado e

colonos de outro. Os bugreiros conheciam as matas e tinham armas de fogo e contavam com o apoio do governo brasileiro, dos colonos e das companhias colonizadoras. “O índio sempre levava a pior pelas desigualdades de armas”, ressalta Marques (1990) em sua obra.

João Leonir Dall’Alba nasceu em 02 de fevereiro de 1938 no estado do Rio Grande do Sul e faleceu em 12 de dezembro de 2006 na mesma cidade de nascimento. Foi religioso da Congregação de São José e graduado em filosofia e teologia. É o autor com o maior número de publicações sobre a história do Sul Catarinense. De maneira geral, suas obras caracterizam-se por uma reprodução de documentos e descrição de acontecimentos históricos relacionados com a imigração e colonização de Santa Catarina.

A obra “História do Grande Araranguá”, confirmada para a primeira publicação em 1987 e publicada apenas dez anos mais tarde (1997), contém 129 entrevistas narrando as memórias de 133 pessoas. A obra relata memórias que ajudam a compreender o grande município de Araranguá, transmitindo a identidade do povo, e refletindo a vida dos primeiros ocupantes da terra, os nativos, a qual foram vítimas de uma colonização que os excluiu por muito tempo.

Em uma de suas entrevistas, Padre Dall’Alba (1997) pergunta para seus entrevistados lembranças de conflitos entre colonos e indígenas, e também sobre a atuação dos bugreiros. (CARDOSO, 2018, p.183). Na entrevista com Custódia Rocha Alexandre, irmã do bugreiro Manuel Berto Rocha, ela recorda o um episódio de morte como um cruel “assassinato” de uma indígena com o seu filho nos braços. A recordação deste fato com um cruel “assassinato” sugere que a entrevistada está vivendo outro contexto histórico e ao mesmo tempo uma relação de empatia com o entrevistador:

Se foram muitas vezes? Bá, se foram, padre! Foram muito. Uma vez eles foram e depois o Manuel Berto me dizia, coitadinho: “Eu não me salvo! ” “Por que é que me dizes isto? ” “É que eu matei muito bugre! ” ‘Não, não me diz isso, não pensa. Bugre não é batizado igual a nós. Bugre é que nem bicho. ’ A gente dizia isto para acalmar. O que é que eles não faziam de pecado! Uma vez uma índia saiu correndo de costa com o filhinho nos braços. Quando ela virou as costas eles atiraram. Atiraram com o anjinho no colo. Matavam também as crianças. (DALL’ALBA, 1997, p. 323)

Segundo Cardoso, (2018, p.184), algumas informações mantinham ocultas pelos entrevistados, reforçando a imagem do bugreiro como um grande

herói. Só que de fato essa não é a verdadeira imagem; além da violência contra os índios, os bugreiros cometiam violência sexual contra as mulheres indígenas, depois matando cada uma friamente. Além da violência sexual ser realizada como prazer, também era uma forma de humilhação, como também premiação de quem alcançou mais mulheres indígena.

O índio também era conhecido por outro termo. O uso do termo “bugre” caracterizava o índio como um sujeito violento, ou até mesmo bárbaro, termo que justificava e legitimava a invasão do colonizador. Segundo Zanelatto (2015, p. 183), “também dá a entender que “bugre” é um inimigo a ser combatido por todas as etnias, pois estavam impedindo o progresso que estes imigrantes estavam trazendo para a região. Assim, os *Xokleng* eram vistos não somente como inimigos dos colonos, mas também inimigo de toda “civilização”. Neste sentido, a memória da senhora Alvina Rocha Longaretti, entrevistada em 01 de novembro de 1986, pelo Pe. Dall’Alba, explicita a representação do índio selvagem:

Ao chegar só encontraram a mata virgem com muitos índios. Estes roubavam muito. Eram um perigo para as famílias. Nossa gente não tinha ordem de matar, só de espantar os índios. Atirar para espantar. Logo foram fazendo os barracos, desmantando abrindo as clareiras, fazendo roças. O governo dava armas, espingardas e munição. Mas foi aí que veio uma família com oito filhos. A mãe estava grávida. Escapou um porco e a mulher saiu com um menino, procurando. Morava ali para cima da cidade. Meu pai morava aqui para baixo. Os índios mataram a mulher para atirar-lhe o porco. Mataram a mulher grávida com oito filhos. Então reclamaram, deram parte no governo. Aí veio ordem: se começassem assim, era para matar. (DALL’ALBA, 1997, p. 316).

Os discursos contra os indígenas eram o mesmo e as ações de violências era divulgado aleatoriamente. Já os bugreiros eram conhecidos como “o belo homem” pelas suas atitudes. Em sua obra, Dall’Alba (1997) traz relatos que comprovam convivência com o próprio bugreiro, exemplo disso é o Lino Honorato Fernandes, entrevistado em 1986, lembra de histórias de “bugre” contada por Mané Cambão:

O Mané Cambão me contava histórias de bugres. Aí nós perguntávamos por que eles fizeram essa traição e mataram os bugres. Dizia que começaram porque os bugres tinham matado uma mulher grávida ali no Manoel Alves. Dizia que pediram autorização para os governantes. Receberam autorização e até armas e munições. Aí fizeram essa matança de bugre. Depois da meia-noite, chegavam lá, cortavam o arco das flechas e entravam dois em cada porta e atoravam o pescoço de um por um. Não deixavam escapar nenhum. (DALL’ALBA, 1997, p. 421).

As 129 entrevistas realizadas por Padre Dall’Alba estão disponíveis na obra “Histórias do Grande Araranguá”. Esta obra revela uma das características peculiares deste padre-historiador: preservar documentos e depoimentos orais como forma de preservar e socializar fontes de pesquisas para a produção de conhecimento histórico para as futuras gerações.

Padre Quinto Davide Baldessar, autor de algumas obras, inclusive a maioria é sobre a colonização no Sul de Santa Catarina, nasceu em Urussanga em 05 de dezembro de 1923, e faleceu em 26 de novembro do ano de 2009. Baldessar viveu 85 anos, dos quais 60 anos foi sacerdote fiel à igreja católica. Na obra “Os imigrantes no confronto com os índios”, também encontramos um capítulo sobre os *Xokleng*.

Eram muito hábeis em tecer cestos, ou balaios com taquara silvestre, rachadas em finas tiras, muitas vezes pintadas entremeadas de diversas cores muito vivas. Faziam também o jequi ou cacuri para pescar, ambos de taquara rachada. O cipó também era utilizado nessas artes dos cestos. Tinham cordas muito resistentes feitas com as fibras de cestas, árvores chamadas embiras. No entanto a cordinha mais forte e que nunca era muito grossa, eram os barbantes de fibras de folhas de tucum. Esse trabalho era bastante utilizado nos arcos e nas varas de pesca quando começaram a usar os anzóis dos imigrantes. A cerâmica era uma arte bastante primitiva, mas fabricavam seus potes e panelas, até de proporções muito grandes para as reservas de água potável, caxiri e cauim. (BALDESSAR, 2005, p. 12).

Em sua obra, Baldessar (2005) relata que os índios não usavam roupas, e andavam sempre nus. Em algumas situações eles utilizavam pele de animais para aquecer as crianças, (2005, p.13). Tal como nas obras dos outros padres, na obra do Padre Baldessar o protagonista da história são os imigrantes colonos. Na sua condição de padre cristão, no entanto, o padre tenta fazer uma representação indígena *Xokleng* mais humanista. Mas, em outras situações, Baldessar (2005) relata os ataques, a situações da comida, as ações trágicas, que com o tempo só foi piorando.

(...), como disse acima, esses índios receberam bem os imigrantes. Apreciavam demais os instrumentos de ferro, os utensílios, os objetos de uso dos colonos. Aos poucos, eles foram conseguindo, para seu uso, um machado, um serrote, uma faca, uma enxada, uma panela, etc. Tudo parecia estar correndo bem, mais certamente “os donos das terras”, já começavam a perceber que, na realidade, os donos eram outros... (BALDESSAR, 2005, p.15).

A forma como Baldessar remete aos acontecimentos do seu passado, é pelas lembranças e experiências adquirida ao longo de sua vida como sacerdote. Segundo o padre (2005, p.22), no contexto do conflito, o nervosismo, o medo, o desespero, a angústia crescia de dia para dia no seio dos imigrantes-colonos. Em sua obra, Baldessar (2005) destaca as condições difíceis em que foram colocados os imigrantes:

Simplesmente foi jogado no meio de uma floresta e ali esquecido. Entregue à sua própria sorte. Nas condições mais adversas... Atormentado pelo peso da grande empreitada... O imigrante se sentia sufocado. Asfixiado naquele abismo de desolação (BALDESSAR, 2005, p. 66).

A Companhia colonizadora propagou aos imigrantes uma visão de terras diferentes da qual eles viviam antes. Dessa forma, ao chegarem aqui na região de Santa Catarina se depararam com a presença indígena, a qual depois começou as disputas de terras. Como debatemos ao longo do texto, podemos analisar que os *Xokleng* foram vítimas dos colonos, aliás, foram os próprios colonos que invadiram as terras dos índios. Em sua obra, Baldessar comenta: “O comportamento pacífico do índio nos faz ficar boquiabertos de pasmo e admiração, pois ninguém de nós se comportaria tão pacífico se visse sua propriedade sendo invadida” (2005, p. 177).

Mas apesar de todas as situações entre essas duas culturas, os *Xokleng* sempre foram tratados como um animal “selvagem”, pois para o colono o índio e o animal não tinham diferença, a qualquer momento podia atacar. Mas de fato, se fomos analisar antes da chegada dos colonos, os indígenas já tinham que lutar para suas proteções, para a caça, para a toda sobrevivência do seu povo. Com a presença dos imigrantes no território dos índios, a situação se agravou, o índio passou por um determinado tempo, a ser visto pelos colonos como um intruso, invertendo-se a relação entre a identidade do invasor e do legítimo ocupante do território.

Em “História do grande Araranguá”, Padre Dall’Alba (1997) deixou um registro histórico inestimável. Em sua obra, o sacerdote capturou depoimento que comprovam os crimes brutais da sociedade dita “civilizada” contra os povos ditos “selvagens”, como podemos averiguar no depoimento de Pedro Marto Pereira, aos 78 anos, que relata:

Minha gente veio de São Paulo... chegou aqui, já comprou terreno e pegou a progredir. Os terrenos deles eram na barranca [...], contavam muitas histórias de bugres, quando eu era criança já contavam de tempos mais antigos que aqui matavam muitos índios sob as ordens de um tal de Nicolau... Contavam que havia muitos caçadores de índios, mandados pelo governo. Porque o povo tinha medo e não podia progredir. Mesmo quando eu era guri vinha saber que de vez em quando se matava índios por aí. Contam que saiam de noite de inverno. Chegavam lá, encontravam os índios todos ao redor do fogo dormindo, todos numa roda com os pés para o fogo. Índios, índias, crianças.... Chegavam e matavam. Diz que índio quando dorme, dorme mesmo. Essa gente chegava. Era treinada, primeiro desarmava, cortando as flechas, depois metia o facão e tiros. (DALL'ALBA, 1997, p. 25).

Nas entrevistas realizadas por Padre Dall'Alba, constata-se a memória de uma violência banal que se recorda na fala de centenas de depoimentos. O senhor Antônio Pedro Estevão, de 80 anos, também lembrou de sua história de “bugre”:

Minha mãe contava que havia muito bugre no mato, do outro lado do rio. Ainda estão lá dois pés de jabuticabeira onde os índios vinham comer jabuticabas. Moravam no morro mãe Luzia. Meu avô, mais o padrinho de meu pai, Daniel, caçava anta, tatete e outros bichos lá em Criciúma. Eram dois homens que não tinham medo de nada. Partiam daqui abrindo picada a facão e iam fazer caçadas lá, faziam um ranchinho e charqueavam a carne das caças. Os bugres vinham pelo lado de fora do rancho em busca de fressuras para comer, as armas deles não eram de espoletas, eram de pedra de bater [...]. No mato, muitas vezes encontravam os bugres... Criciúma era um lugar de muito bicho, por isso era o lugar de mais bugre. (DALL'ALBA, 1997, p.215).

Na sociedade “civilizada” do século XIX, o índio não passava de um animal feroz e ameaçador. A prática do extermínio de índios era algo cruel, mas corriqueiro. A maioria da população *Laklaño/Xokleng* foi brutalmente dizimada. A questão que se coloca hoje, limiar do século XX, é: como a sociedade brasileira percebe e reconhece os direitos e a dignidade dos povos indígenas?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História e o respeito pelos povos indígenas do Brasil ainda continua sendo uma realidade muito distante da maioria da população brasileira. Em todos os lugares ainda encontramos manifestações e percepções preconceituosas e estereotipadas. Nesta pesquisa procurou-se mostrar as diferentes representações do povo *Laklaño/Xokleng* no âmbito da historiografia.

No primeiro capítulo, procurou-se abordar os conceitos, que de certa forma, contribuíram para a pesquisa, e quem eram e onde viviam os indígenas *Xokleng*, utilizando também obras da historiografia catarinense. No segundo capítulo, apresentamos obras de padres historiadores da região Sul de Santa Catarina, utilizando o conceito representação para perceber o regime de verdade da cultura não indígena em relação ao povo *Laklaño/Xokleng*. Nas obras analisadas, percebemos que os padres-autores reconhecem a presença indígena na história local-regional, porém a caracterização do povo indígena é demasiadamente eurocêntrica e os sujeitos históricos são os colonos-imigrantes.

As pesquisas acadêmicas vêm contribuindo de forma expressiva para destituir os tradicionais preconceitos em relação aos povos indígenas; e atualmente já temos, inclusive, um conjunto de obras escritas por pesquisadores indígenas. Nossa pesquisa propôs dar um olhar diferenciado a esses povos, com fontes historiográficas de padres historiadores a qual relataram suas experiências vividas juntos com seus familiares no cotidiano com os indígenas.

Antes da chegada dos imigrantes europeus no final do século XIX, o povo *Laklaño/Xokleng* passaram por muitas situações difíceis, lutando por seu território contra as incursões de portugueses e luso-brasileiros. Mas com a política de imigração do governo brasileiro, a situação se agravou. Suas terras foram invadidas e tomadas, e os sobreviventes tiveram que se adaptar à realidade imposta pelo Estado nacional brasileiro. O povo *Laklaño/Xokleng* vivia no mundo da floresta, onde praticavam a caça, a coleta de frutas e a pesca; viviam uma vida feliz até a chegada do homem europeu, homem sedento de riquezas materiais e obcecado por propriedade privada.

Pela historiografia dos padres-historiadores, podemos perceber as consequências impactantes da política colonizadora do governo brasileiro da Monarquia Imperial e da Primeira República. Além do preconceito, eram chamados

também de “bugre”, ou até mesmo de “selvagens”, entre outras denominações. Já o bugreiro e o colono eram vistos como heróis, o colono por trazer a semente do progresso e da civilização; e o bugreiro por proteger os colonos dos “bugres” e assegurar o progresso da colonização.

Trazer para o centro das discussões o assunto indígena não é algo fácil, mas ao mesmo tempo é mostrar como pode impactar alguns indivíduos a essa herança cultural no qual é tão importante hoje. Talvez essa visão tradicional do indígena, deixou esses povos por muito tempo representados como homem selvagem na historiografia, ora como vítima de uma violência. Dessa forma, tivemos questão em mostrar por essa pesquisa a importância desses povos e suas características culturais.

REFERÊNCIAS

- BALDESSAR, Quinto. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições**. Editora: FORMSUL. Forquilha, 2005.
- BALDESSAR, Quinto. **Os imigrantes no confronto com os índios**. Editora: FORMSUL. Ed.: 2°. Forquilha, 2005.
- CARDOSO, Michele Gonçalves. **As missões de Pe. João Leonir Dall'Alba: história, memória e produção de discursos étnicos sobre o sul do Brasil**. Doutorado (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Brasil, 2018.
- CAROLA, Carlos Renato. **Natureza admirada, natureza devastada: História e Historiografia da colonização de Santa Catarina**. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 26, nº 44: p.547-572, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v26n44/a11v2644.pdf> Acesso em: 07 agosto - 2018.
- CIMI. Por uma Educação Descolonial e Libertadora: **Manifesto sobre a educação escolar indígena no Brasil**. Brasília: Cimi, 2014.
- DALL'ALBA, João Leonir. **História do Grande Araranguá**. Araranguá: Orion, 1997. 519p.
- GOULART, Nivaldo A. **Sambaquianos, Carijós e Botocudos**. Ed. do autor. 1988.
- JECUPÉ, Kaka Werá. A Terra dos mil povos: **História Indígena do Brasil Contada por um Índio**. São Paulo. Editora Peirópolis, 4ª Edição, 1998.
- KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias Euro-Xokleng e Contexto**. Brusque/SC: Pallotti, 2002.
- LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: História de Povos Invisíveis. In: BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina, estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.
- LAVINA, Rodrigo. **Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.
- MARQUES, Monsenhor Agenor Neves. **Imigração Italiana**. Urussanga: Gráfica Ribeiro, 1978.
- MARZANO, Luigi. Tradução de João Leonir Dall'Alba. **Colonos e missionários na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC / Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.
- MARKUS, Clede; HUBNER, Janaína; PRUIKSMA, Nienke (Orgs.). **Laklaño-Xokleng: o povo que caminha em direção ao sol**. São Leopoldo, RS: Editora Oikos, 2016.
- MAZUCCO, Suelen Pacheco. **As representações dos índios xokleng na historiografia regional do extremo sul catarinense**. Trabalho de conclusão de curso – Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, 2013.
- MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio**. 2ª edição, 2010.

- PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. São Paulo: Autentica, 2005.
- PESAVENTO, Sandra. **Cultura e Representações, uma trajetória**. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, p.45-58, jan. /dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6395/3837>. Acesso em: 04 setembro - 2018.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Editora UFPR. Disponível em: <file:///C:/Users/bib/Downloads/16231-57117-2-PB.pdf> Acesso em: 01 de setembro – 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- ROIZ, Diogo da Silva. **A ‘nova história cultural’**: questões e debates. 181 – 186, janeiro/junho 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/bib/Downloads/3757-8912-1-PB.pdf>. Acesso em: 18 de outubro – 2018.
- SANTOS, Silvio Coelho Dos. **Encontros de estranhos além do "mar oceano**, Etnográfica, Vol. VII (2), 2003, pp. 431-448. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_431-448.pdf Acesso em: 07 de agosto – 2018.
- SANTOS, Silvio Coelho Dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Editora: EDEIBA. Florianópolis. 1973.
- SANTOS, Silvio Coelho Dos. **Os Índios Xokleng Memória Visual**. Editora: UFSC. Florianópolis. 1997.
- SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **A imagem do índio**: o selvagem americano na visão do homem Branco. IBRASA. São Paulo. 2000.
- SELAU, Mauricio. **A ocupação do Território Xokleng pelos Imigrantes italianos no sul de Santa Catarina (1875 -1925)**: resistência e extermínio. Editora: Bernúncia. Florianópolis. 2010.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário dos Conceitos Históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 439 p. 2013.
- ZANELATTO, João Henrique. **Índios e brancos no processo colonizador do sul catarinense na obra “Histórias do grande Araranguá”, de João Leonir Dall’Alba**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 174-202, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/bib/Downloads/DialnetIndiosEBrancosNoProcessoColonizadorDoSulCatarinens-5156163.pdf> Acesso em: 05 de outubro – 2018.